

Viúva guarda enorme acervo

Ivan Serpa: a paz do Méier como fonte de inspiração

Uma grande coleção de obras do artista plástico Ivan Serpa, falecido em 1973, está guardada no Méier, na casa em que o pintor morou nos últimos anos de sua vida. A guardiã destas obras — telas, desenhos e quadros — é d. Ligia Serpa, viúva do artista, que está recomprando outros trabalhos para fazer um grande exposição no próximo ano, no MAM.

Conta D. Ligia, que Ivan, até a sua morte, trabalhou 13 anos seguidos no atelier, dentro da sua casa, produzindo inúmeras obras.

— Eu tenho aqui em casa muitos quadros, desenhos e outros trabalhos de Ivan, mas ele vendeu muitas obras que estão espalhadas pelo Brasil e pelo mundo.

No Méier — conta D. Ligia — Ivan encontrou muita tranquilidade para trabalhar:

— Ele, quando começava a trabalhar, se perdia no tempo e só parava quando acabava a obra. As vezes levava 20 horas trabalhando ininterruptamente.

Sua pintura era considerada moderna, porém o tema variava de acordo com seu estado de espírito:

— Ele não gostava de ser rotulado. Dizia sempre que pintava o que sentia.

Na opinião de D. Ligia, a maior obra de Ivan é o quadro "A Cabeça".

— Esta obra faz parte de uma série pintada por Ivan e impressiona qualquer pessoa que a vê pela primeira vez. Teve até uma moça que se emocionou e chorou quando viu o quadro.

Muitas obras estão guardadas. Outras enfeitam a casa de D. Ligia, dando a impressão de que lá é uma galeria de arte:

— Depois da morte dele, tive dificuldades, mas fiz um grande esforço e não vendi nenhum quadro ou qualquer outro trabalho. Valeu a pena o sacrifício. Hoje, estou comprando outros quadros de Ivan.

No Méier, nunca houve uma exposição dos trabalhos de Ivan e D. Ligia admite fazê-la para que as pessoas do bairro conheçam seu acervo:

— Isso não seria imediato. O que posso fazer no momento é uma exposição dos seus dese-

nhos. Agora estou preparando tudo para a grande exposição do ano que vem no MAM, quando ele fará dez anos de morte.

D. Ligia tem todas as obras catalogadas desde 1947, quando Ivan começou a expor. Foi um trabalho paciente, colecionando inclusive recortes de jornais que falam sobre ele.

Ivan ganhou inúmeros prêmios e deixou uma grande escola. Entre seus contemporâneos estão Hélio Oiticica, Ligia Papi, Aloisio Carvão, Carli Portela e muitos outros.

Além dos quadros de Ivan, D. Ligia guarda obras de outros artistas e de ex-alunos de seu marido. Os mais valiosos são um Volpi e outro de Salvador Dali:

— Já recomprei três quadros de Ivan e como pretendo adquirir mais, estou até disposta a sacrificar estas outras obras, exceto a de Volpi, porque já não tenho mais dinheiro para aumentar o acervo de Ivan.

— Ives já fez três exposições e tem quadros aprovados no Salão Nacional.

O curso, segundo D. Ligia, é mais um incentivo à arte no próprio bairro, que é carente nesta área:

Ivan também deu aulas para as crianças e é uma maneira de desenvolver mais uma atividade cultural na Zona Norte. As pessoas que vierem aqui também terão oportunidade de conhecer os trabalhos de Ivan, que o próprio Méier não conheceu.



D. Ligia (acima) diz que Ivan Serpa buscou no mar inspiração para fazer muitos de seus quadros. Entre as telas mais famosas está "A Cabeça" (extrema direita), a maior obra de Ivan, na opinião de D. Ligia. Dois quadros do pintor (na foto ao lado, o que restou de um deles) foram destruídos no incêndio do Museu de Arte Moderna.



Uma boa notícia para o Méier e os bairros adjacentes. D. Ligia Serpa, a viúva do artista plástico Ivan Serpa, pretende reabrir no próximo ano a escolinha de arte na sua casa, aproveitando o espaço disponível e o próprio atelier do marido:

Fiz esta experiência uma vez e teve um sucesso incrível. Havia atividades até nos corredores. Era um curso de arte que funcionou quase dois anos seguidos sob a orientação da

Escola de arte será reaberta

artista plástica Carli Portela, hoje professora de Artes do MAM.

D. Ligia é bibliotecária aposentada e mora no Méier há 23 anos. Ela dirigiu a biblioteca do Centro de Arte e Criatividade do Méier, na Rua Rio Grande do Sul, que hoje está em obras e deve ser reinaugurado no fim do mês. Tem seis filhos (três são de criação) e um deles, Ives Serpa, também é artista:



Ivan Serpa se definia como um autêntico

Ele era contra rótulos

Carioca, nascido em 1923, Ivan Serpa, que foi o papa do concretismo no Brasil, se definia como um autêntico, não se preocupando em rotular sua arte e nem seu modo de viver. Foi fundador do curso de pintura para crianças do Museu de Arte Moderna, onde deu aulas durante mais de 20 anos.

Ivan tinha conceitos próprios sobre seu trabalho e costumava afirmar que as crianças-problema poderiam ser reajustadas através da pintura. Ele começou a pintar em 1947, desistindo da carreira de professor de francês.

Foi aluno de Axel Leskoeschek e suas primeiras pinturas eram paisagens com árvores. Quatro anos depois ganhou o prêmio Jovem Artista Brasileiro na I Bial de São Paulo. Em 58, conquistou o prêmio de

viagem ao estrangeiro no Salão Nacional de Arte Moderna e viajou para a Europa, onde fez contatos com várias artistas, entre eles Max Bill.

Como artista também se destacou nas XXVI e XXVII Bienais de Veneza e nas II, III, IV e VI Bienais de São Paulo. Nesta última recebeu o prêmio Ardea. Em 1961, ganhou o prêmio Espol no X Salão Nacional de Arte Moderna.

Durante 14 anos Ivan trabalhou no Departamento de Restauração de Livros da Biblioteca Nacional e nos contatos com os livros velhos conheceu o anôbio — cupim que ataca o papel —, usando-o em muitos quadros para simbolizar a destruição.

Ivan morreu no dia 19 de abril de 1973, deixando muitas obras. Duas delas — Colagem e Tempera — foram destruídas no incêndio do Museu de Arte Moderna, em julho de 78.

Um depoimento de Ivan Serpa, guardado por sua esposa, sobre a definição de sua pintura, feito em 1965.

— Não pensei, até aqui, numa definição. Acho que ela representa, de certo modo, o mundo de hoje. Um mundo contraditório em que, ao mesmo tempo, se constroem engenhos diabólicos de destruição e põe-se o homem a flutuar no espaço cósmico. Ao mesmo tempo, há milhões morrendo de fome, sem que ninguém se incomode. Conquistas científicas e desprezo pelo semelhante. Numa época dessas, pode o pintor fechar os olhos aos problemas do mundo? Vai ele pintar por pintar? Só vejo dois caminhos para os artistas: ou contribuir para o desenvolvimento técnico, trabalhando na indústria, ou denunciar as contradições, fazer os outros homens pensarem.



Serpa se apoderou de vários estilos para pintar mas sempre o fez em grandes telas

*Saiba onde estão as
obras de Ivan Serpa*

Colobo 26.5.82